

revista

ANO IV • Edição Especial • SETEMBRO 2015

Unimed/RS

pensar

UMA PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO UNIMED/RS

REAFIRMAÇÃO DA ÉTICA E DA UNIÃO

A senadora Ana Amélia palestrou no Encontro das Unimeds do Polo Mercosul e Suergs 2015 em Gramado, evento que fortaleceu a integração e lançou novas estratégias de crescimento do Sistema





RIO GRANDE DO SUL

RENOVANDO ESTRATÉGIAS E AÇÕES



Nilson Luiz May
Presidente da Federação Unimed/RS

Ao longo da trajetória do Cooperativismo Unimed, estamos acostumados a relatar dificuldades e trocar experiências, falando “para dentro do Sistema”. Mas não vivemos isoladamente e sim no núcleo de uma estrutura maior, num Brasil de contrastes e contradições.

Somos um país que sediou a Copa do

Mundo, que construiu estádios milionários (alguns sem proveito) e que se prepara para receber as Olimpíadas... mas que convive com a miséria, o mosquito da dengue, a violência e o crime, a corrupção desenfreada e o Estado omissivo.

Continuamos “o país dos coitados”, no qual as pessoas ainda aceitam as situações como se fossem um desígnio natural ou a vontade divina. Temos uma herança antropológica da “pajelança tupiniquim”: alguém, um ser superior, vai resolver nossos problemas. E a solução é resignar-se e esperar.

Nossa democracia frágil impede o Brasil de sair da condição de “país em desenvolvimento”. Um povo cordial dominado por corruptos, políticos ladrões e até médicos que se valem dos pacientes fragilizados para fazer fortuna.

Neste cenário de tantas mazelas, precisamos reafirmar sempre, e de

novo, o compromisso do Sistema Unimed com a ética, a competência, a honestidade e a união.

Foi inspirado nesses valores inarredáveis que o Sistema Cooperativo Empresarial Unimed-RS acaba de sediar o 8º Encontro das Unimeds do Polo Mercosul em conjunto com o Suergs 2015.

Esse é o nosso papel numa sociedade que vive momentos de perplexidade: mostrar que a força da união é uma forma poderosa para vencer os empecilhos que se apresentam.

E, para sermos ainda melhor sucedidos em nosso intento de perpetuar o cooperativismo de saúde, adaptar estratégias e práticas visando aumentar a competitividade do Sistema Unimed, mediante o alinhamento dos trilhos do “trabalho” (doutrina) e do “capital” (gestão). ■

AO LEITOR

UM NOVO COOPERATIVISMO OU UM COOPERATIVISMO NOVO

No Encontro do Polo Mercosul e Suergs 2015, debatemos vários temas de fundamental importância para o cooperativismo em geral e para o Sistema Unimed em particular. Temas que me levaram a refletir sobre o passado, presente e futuro do cooperativismo.

Quando iniciei na profissão médica, depois da residência em cardiologia, fui me estabelecer na cidade de Montenegro/RS. Com o passar do tempo, também tive a oportunidade de trabalhar na cidade de Taquari. Em ambos os locais, a primeira orientação que recebi foi: “tens que te tornar um cooperado da Unimed”. Na época, nas cooperativas, só se falava em honorários médicos.

Mas as coisas mudaram, evoluíram. A necessidade do mercado fez com que as Unimeds comessem a comerciali-

zar planos com atendimento ambulatorial e, posteriormente, hospitalar. Com a regulamentação dos planos de saúde e a criação da ANS, o que era previsto na Constituição, a autonomia das cooperativas, não foi mais respeitado. E a intervenção do Governo em nossas cooperativas tornou-se uma realidade.

Um novo cooperativismo significa modificar o passado, reformular os princípios e toda a história cooperativista. Um cooperativismo novo significa dar uma roupagem ao passado, buscar soluções em que a valorização do ato médico seja mais adequada, em que o cooperado tenha mais comprometimento e envolvimento com sua cooperativa. Não podemos repetir o antigo modelo, em que o médico iniciava sua atividade num local, e a primeira coisa a fazer era entrar na Unimed. Temos



Gerson Reis
Diretor administrativo financeiro da Federação Unimed/RS

que fazer uma seleção mais criteriosa para o ingresso e a permanência em nossas instituições.

No início, citei o Polo e o Suergs, pois, nessa ocasião, foram debatidos novos rumos, como atenção primária à saúde, remuneração médica, controles de auditoria e verticalização, e todos esses itens são importantes para o cooperativismo novo. Acredito porém, que, de todas, a preocupação com o médico cooperado deva continuar sendo a finalidade principal do Sistema Unimed. ■

A Revista Pensar Unimed é uma publicação do Instituto Unimed/RS, fundado em 14 de abril de 2007, inscrito no CNPJ/MF sob o nº 08.969.474/0001-58. Redação, administração e correspondência à Rua Santa Terezinha, 340. CEP: 90040-180, Porto Alegre/RS.

Diretor: Gerson Antônio Reis da Silva
Diretor-adjunto: Alcides Mandelli Stumpf
Jornalista Responsável: Silvio Peter
Textos e edição: Ursula Schilling
Produção: Carolina Dias, Joice Vaz Dias, Karine Jardine, Leandro Vaz de Souza, Lucas Paiva
Apoio: Núcleo de Relacionamento com Fornecedores da Unimed/RS
Projeto gráfico e diagramação: Gilson Rachinhas
Impressão: Ideograf Gráfica e Editora
Tiragem dessa edição: 1.200 exemplares

Instituto Unimed/RS
DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente: Nilson Luiz May
Vice-presidente: José Milton Cunha Mirenda
Diretor Administrativo: Alcides Mandelli Stumpf

CONSELHO DELIBERATIVO: Nilson Luiz May, Aldo Prikladnitzki, Beatriz Vailati, Carlos Castellano Silveira, César Augusto Bellinaso, Ernani Clóvis Bulow, Hendley Reschke, Leandro Roberto Oss Zambon, Lourival Araujo Gonçalves, Luiz Antonio Costaguta de Arruda, Marcos Christensen, Paulo César Sehn, Paulo Roberto Pante, Raul Francisco Schneider, Ronaldo Scherer

CONSELHO FISCAL
Membros Efetivos: Antonio Jader Brodbeck, Enio de Freitas Henrique, Aristeu Costa dos Santos
Membro Suplente: Aldemar Chagas de Moraes

Federação Unimed/RS
DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente: Nilson Luiz May
Vice-Presidente de Coordenação das Relações Estaduais: Nilso Zaffari
Vice-Presidente de Coordenação das Relações Nacionais: Márcio Pizzato
Diretor Administrativo Financeiro: Gerson Antônio Reis da Silva
Diretor de Gestão Organizacional e de Integração: Jorge Antônio Martines
Diretor de Inovação e Negócios Corporativos: Luis Carlos Galleano de Melo
Diretor Operacional e de Intercâmbio: Paulo Roberto de Oliveira Webster
Gestor de Serviços Próprios: Luis Cláudio Madureira

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente: Nilson Luiz May
Conselheiros: Aldo Prikladnitzki, Beatriz Vailati, Carlos Castellano Silveira, Cesar Augusto Bellinaso, Ernani Clóvis Bülow, Hendley Reschke, Leandro Roberto Oss Zambon, Lourival Araujo Gonçalves, Luiz Antonio Costaguta Arruda, Marcos Christensen, Paulo César Sehn, Paulo Roberto Pante, Raul Francisco Schneider, Ronaldo Scherer

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Airton Torres de Lacerda, Atilio Constanzi Filho, Fernando Arthur dos Santos
Suplentes: Cláudio Luiz Morsch, Edmar Grimm Berg, Lauro Luiz Hendges

EDITORIAL

INFORMAÇÃO COM QUALIDADE... E RECONHECIMENTO

Esta edição da revista Pensar é entregue na Convenção Nacional Unimed 2015 e ao público leitor com dupla satisfação.

A primeira decorre do sentimento de dever cumprido, ao apresentarmos a reportagem do Encontro do Mercosul e Suergs, elaborada com a agilidade necessária. Como mostram os textos e as fotos, foi um evento memorável, baseado em organização impecável e programação técnica consistente, num ambiente agradável e de grande integração.

Estamos felizes também por sermos distinguidos pela conquista do Prêmio de Comunicação da Unimed do Brasil - categoria Jornal - com nossa "Agenda Federativa". Trata-se de importante reconhecimento ao trabalho, à qualidade e à coerência que temos dedicado, ao longo dos anos, às publicações e ações de comunicação do Sistema Unimed do Rio Grande do Sul.

Muito obrigado ■

Silvio Peter
Jornalista responsável

SUMÁRIO

- 5. CAPA
- 18. CLICS
- 20. COMENTÁRIOS
- 21. ARTIGO
 - Ana Amélia
- 22. NÚMEROS
- 23. ARTIGO
 - Jorge Martines
- 24. ARTIGO
 - Paulo Farias



- 25. ARTIGO
 - Alberto Gugelmin
- 26. APOIADORES
- 28. CAFÉ
- 30. REFLEXÃO
 - Alcides Stumpf



Cerimônia de abertura do 8º Polo Mercosul e Suergs 2015

Fotos: Mathias Cramer

REAFIRMAÇÃO DA ÉTICA E DA UNIÃO

Por Ursula Schilling

DE MODELO A TODA TERRA

Foi em clima harmônico, numa atmosfera propiciada pelo engajamento característico da união nascida dos objetivos comuns, que se reuniram representantes do Sistema Unimed Nacional durante três dias em Gramado/RS. O hino rio-grandense, entoado pela cantora nativista Shana Müller, retumbou nos ouvidos e corações dos presentes, e, pelo seu significado, tomou proporções que transcenderam o suposto bairrismo conferido ao povo dos pampas. É a unidade, marca inquestionável do modelo adotado pelas coirmãs do Mercosul, que, espera-se, sirva de modelo para todo o sistema cooperativista.

O 8º Encontro das Unimed do Polo Mercosul, realizado conjuntamente com o Simpósio das Unimed Gaúchas – Suergs 2015, concentrou lideranças do RS, SC e PR, entre 30 de julho e 1º de agosto, no Wish Serrano Resort, em torno de temas nevrálgicos (e necessários) para o cooperativismo médico. Atenção primária à saúde, remuneração médica, verticalização, modelos de assistência à saúde, tratamentos de alto custo e judicialização pautaram as discussões que, bem embasadas que foram, mostraram não só os caminhos a seguir, mas o tanto que já vem sendo feito.

Nilson Luiz May



Diz-se que nada é perfeito. Elogiado por todos e com evidente impacto positivo sobre os participantes, a insatisfação ficou por conta do calor fora de época que insistiu em acompanhar o final de semana de quem trouxe na mala proteção reforçada para o frio que se esperava da Serra Gaúcha em pleno inverno. “Nós nos sentimos muito honrados com a presença de todos, ainda que o frio esteja desmoralizado”, declarou Nilson Luiz May, presidente da Federação anfitriã, com o bom humor e a franqueza que lhe são peculiares.

Hendley Reschke, presidente da Unimed Encosta da Serra, de cuja área de cobertura faz parte a cidade sede do evento, antecipou o tom do encontro: “hoje e nos próximos dias, teremos a oportunidade de apresentar ideias que tratam da sustentabilidade do nosso negócio, para crescer com eficiência e remunerar melhor o trabalho médico”.

100% MERCOSUL

Na primeira de suas inúmeras participações durante o evento, o presidente da Federação de Santa Catarina e atual líder da Unimed Mercosul, Alberto Gugelmin Neto, logo mostrou a que veio: “venho de uma Unimed chamada Rioma-

fra (que atua em SC e PR), sou paraense de direito e catarinense de fato, e filho de pais gaúchos de Passo Fundo. Então sou 100% Mercosul!”

“Não temos toda a dimensão da nossa força”, exclamou Gugelmin, ao lembrar do poder de barganha que as três Federações têm juntas, dando o exemplo dos R\$ 20 milhões de economia gerados em apenas um ano, após mobilização das Unimed do Mercosul para compra de stents. “Juntos podemos fazer a diferença e juntar nossos melhores negociadores. Sozinhos vamos mais rápido, mas juntos vamos muito mais longe”, concluiu.

Prova de que a integração é um valor arraigado no cooperativismo Unimed, e que não se limita ao extremo-sul do país, foi trazida na afirmação do presidente da Confederação Nacional, Eudes de Freitas Aquino: “a Unimed do Brasil já estava com saudade do Suergs, pois ele é muito aguardado pelas pautas que desenvolve”. Para ele, o evento consegue tratar de temas delicados e, ao mesmo tempo, de interesse coletivo do sistema de saúde brasileiro.

Ao retomar a palavra, Nilson Luiz May fez questão de chamar a atenção para o cenário nada

O SISTEMA UNIMED TEM
ÉTICA, COMPETÊNCIA,
HONESTIDADE E UNIÃO

SOZINHOS VAMOS MAIS RÁPIDO, MAS JUNTOS VAMOS MUITO MAIS LONGE

animador em que está inserida a saúde suplementar. “Nos acostumamos a relatar nossas dificuldades, falando para dentro do Sistema, mas não vivemos isoladamente, nós vivemos dentro de uma estrutura, dentro do que vive o Brasil hoje”, sentenciou. Mas antes de parecer catastrofista, ao falar de um país de contrastes e contradições, convocou os presentes à ação: “se tudo isso tem aspectos negativos, nós, do Sistema Cooperativo Nacional, temos que mostrar nossa força, nossa unidade, para que possamos crescer cada vez mais, mesmo com os empecilhos que aí estão. O Sistema Unimed tem ética, competência, honestidade e união”.

A ECONOMIA DO CEDRO

“O cedro-do-líbano é uma árvore que cresce para baixo, antes de crescer para cima”, ilustra o empresário e professor universitário Carlos Alberto Júlio, autor do livro que deu nome à palestra de abertura do 8º Polo Mercosul e Suergs 2015, “A Economia do Cedro”.

Antes de chegar à sua altura máxima, de aproximados 40 metros, o que pode levar até 40 anos, a planta, originária de terras libanesas, sírias e turcas, fixa suas longas e fortes raízes a cerca de um metro e meio de profundidade. Esse processo ocorre nos primeiros três anos



Alberto
Gugelmin
Neto

desde o plantio. Só depois, a partir do quarto ano, é que o cedro começará a subir, o que lhe garantirá um tronco firme e folhas perenes, resistentes às adversidades.

De acordo com Júlio, essa mesma lógica de desenvolvimento deveria pautar a economia global. E a analogia tem dupla função: uma é lembrar que temos nos afastado do

Carlos
Alberto Júlio:
“você faz
aqui, você
paga aqui”





Eudes de
Freitas Aquino

princípio do capitalismo – segundo o qual toda a riqueza depende de trabalho e produção já que temos vivido em tempos de riqueza virtual, um dos motivos, a propósito, da crise americana chamada de “bolha imobiliária”; em segundo lugar, a comparação com um elemento da natureza nos remete à sustentabilidade, assunto que balizou boa parte das provocações que o palestrante dirigiu à plateia.

“O que é sustentabilidade? É você conseguir repetir no futuro, o que faz no presente”, simplifica o ex-presidente e atual vice-presidente do conselho da Tecnisa, conhecida empresa do mercado imobiliário brasileiro. A Terra

sofre de um esgotamento, pois a estamos levando ao seu limite. Para ele, temos de nos dar conta de que tudo está interligado, e a matemática é simples: “você faz aqui, você paga aqui, se você o faz o mal, gera o mal, se faz o bem, gera o bem”.

Ao que indicam os exemplos, temos pendido para o mal. Hoje somos sete bilhões de pessoas no planeta, e “casa cheia exige responsabilidade social e ambiental”. Responsabilidade de que não temos tido, vistos os gritantes contrastes observados. Nunca tivemos tantos recursos tecnológicos à nossa disposição, na indústria, na medicina, nas comunicações. Nunca houve tanto luxo e tanto conforto. “Ao mesmo tempo, ainda temos crianças que não têm água potável para beber”, exorta Júlio, para quem tais discrepâncias são fruto de uma “gestão que envergonha”, que têm aumentado as desigualdades sociais e a degradação ambiental – de mangues destruídos e temperaturas cada vez mais altas – pela “fúria da motosserra”.

A solução? Antes de tudo, precisamos recuperar nosso senso de direção. Para onde estamos indo? “Toda boa gestão nasce da meta, porque toda boa vida nasce do sonho e do propósito”, argumenta o professor, que acumula 35 anos de sala de aula. Carlos Júlio acredita nos chamados pilares binomiais da economia do cedro: prosperidade com sustentabilidade, geração de riqueza com justa distribuição de recursos, geração de resultado com qualidade de vida no trabalho, concorrên-

cia com valores e princípios e o pensar somado ao fazer.

Na economia do cedro, o grande desafio está no tripé da sustentabilidade – econômico, social e ambiental – e na capacidade de sabermos viver bem o tempo. “Olhar o passado é importante, mas ele é só um retrovisor”, sentencia. Sobreviverão aqueles que perceberem que “o futuro é uma sucessão de agoras e que o lugar da excelência é no presente”.

TSUNAMIS SIMULTÂNEOS

Para abrir a programação técnica do 8º Polo Mercosul e Suergs 2015, a mesa coordenada pelo diretor administrativo financeiro da Unimed Mercosul, Luiz Escada Ferreira, não poderia ter tema mais instigante: atenção integral à saúde.

Uma mudança de modelo urge (e já tarda), visto que o cenário das operadoras passou, nas últimas décadas, pelo que o médico Vitor Zeilmann, assessor de gestão da Unimed/RS, chamou de “tsunamis simultâneos”. O envelhecimento da população, o aumento da prevalência de doenças crônicas, a disparada dos custos assistenciais, em virtude da hiperutilização dos serviços, o excesso de regulação e a insatisfação dos clientes somam-se para formar uma gigantesca onda que, se não for contida, arrastará a assistência à saúde brasileira, sem chance de volta à superfície.

Longe de sermos otimistas, a ponto de podermos encarar essa onda como uma “marolinha”, há caminhos, sim, a serem seguidos. Alternativas que levam em consideração quatro grandes transições que impactam diretamente as operadoras de planos de saúde, a saber, demográfica, epidemiológica, nutricional e tecnológica. Em

O FUTURO É UMA SUCESSÃO DE AGORAS E
O LUGAR DA EXCELÊNCIA É NO PRESENTE



80, por exemplo, dois terços da população brasileira tinham 20 anos de idade. Daqui a três décadas, essa proporção será de apenas um terço. “Em 2050, plano de saúde será um péssimo negócio e, se nada for feito, não teremos leitos para atender nossos idosos”, adverte Zeilmann. “A transformação é brutal”, avalia.

Estamos mais velhos, mais doentes (e por mais tempo) e nos alimentando muito pior, o que só agrava a situação. A tecnologia oferece soluções para problemas complexos, mas é quase impossível de pagar. Se, por um lado, não morremos mais por infecções simples, por outro, tornamo-nos comedores de hambúrgueres que padecem de doenças cardiometabólicas e cânceres. “Continuamos morrendo, só que de forma mais cara”.

Em meio a esse quadro nada animador, muito mais do que uma tábua de salvação, o modelo de atenção integral à saúde (AIS) surge como uma solução plausível e de longo prazo. Com suas características de acesso, coordenação, longitudinalidade e integralidade, o foco está nas pessoas, (e não nas doenças) e a ideia-chave é ajudar cada indivíduo a fazer escolhas inteligentes para sua saúde.

“Nosso cliente deseja ter um plano para quando ele precisar, até o fim da vida”, assevera Marlus de Moraes, gerente de regulação à assistência da Unimed Paraná. Para atender melhor o beneficiário, para entregar o que ele realmente necessita, velhos hábitos têm de ser mudados. Hábitos do sistema de saúde, ressalte-se. A medicalização como regra e o tratamento fragmentado baseado em exames – 30% dos exames não são buscados no laboratório – precisam ser superados. “A sustentabilidade depende de revisão e melhoria constantes de processo”, alerta Moraes. Um dos caminhos apontados é o que ele chama de prevenção quaternária, que visa à “detecção de indivíduos em risco de tratamento excessivo para protegê-los de novas intervenções médicas inapropriadas e sugerir-lhes alternativas eticamente aceitáveis”.

Pensando nisso, a Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo, do RS, colocou todos os seus programas de promoção e pre-

Mesa 1: Vitor Zeilmann, Natan Katz, Luiz Escada Ferreira, Cynthia Caetano e Marlus de Moraes

venção, de gerenciamento de crônicos e de cuidado em família sob o guarda-chuva da atenção integral à saúde. Essa é uma das portas de entrada para a medicina preventiva hoje. Uma forma de coordenar o cuidado e dar continuidade a ele. Atualmente, 11 mil dos 241 mil clientes da cooperativa estão em algum dos programas.

Segundo Cynthia Caetano, coordenadora da Promoção à Saúde da Singular, não é necessária uma grande estrutura física, tampouco complexa. No entanto, “não dá para fazer AIS sem uma equipe multidisciplinar”, reforça. E chama a atenção para o fato de que a parte mais densa do trabalho está nas etapas anteriores à implantação do modelo: 1) sensibilização dos cooperados; 2) engajamento das lideranças; 3) estabelecimento da estrutura anexa à já existente (porta única de entrada); 4) escolha do prontuário eletrônico; 5) formação de equipe; 6) definição de modelo de remuneração; 7) escolha das carteiras deficitárias; 8) divulgação interna e externa; 9) formação de rede de especialistas parceiros.

“O modelo de AIS tem que permear toda a instituição, pois o vínculo hoje é pobre e as pessoas não têm um médico de referência”, provoca Natan Katz, médico de família e coordenador científico do TelessaúdeRS. Ou seja, há uma lacuna a ser preenchida por uma medicina centrada nas pessoas, que considera o histórico de cada paciente e atua de forma integrada.

COM O MODELO ATUAL, EM 2050, PLANO DE SAÚDE VAI SER UM PÉSSIMO NEGÓCIO



DESAFIOS DA REMUNERAÇÃO

“O tema dessa mesa diz respeito à nossa função como cooperativa”. Assim Faustino Garcia Alferez, diretor de intercâmbio e mercado da Unimed Mercosul, abriu o painel sobre os desafios da remuneração médica, cujas discussões ele coordenou.

Alberto Gugelmin Neto, presidente das Unimed Santa Catarina e Mercosul, aproveitando a deixa inicial, prosseguiu: “nossa razão de existir é garantir condições de trabalho dignas para a classe médica”. Na dicotômica realidade em que a remuneração deixa a desejar em função do aumento dos custos assistenciais, quem quer pagar melhor o seu médico, tem que pensar ou em reduzir custos ou em aumentar receitas.

Na Unimed Santa Catarina, a aposta foi no planejamento orçamentário da operadora, visando ao aumento da receita. Num esforço integrado com as áreas atuarial, comercial e de controladoria, são definidos uma meta de sinistralidade e o valor que se deseja pagar ao cooperado, e, com base nisso, é construído o orçamento (projeção do custo e cálculo de reajus-

tes) de todos os contratos para cada ano. Somadas a isso, estão a busca por novas receitas, a criação de novos serviços, como o contact center e a auditoria centralizada, e a diminuição dos custos, por meio de compras conjuntas e serviços compartilhados, por exemplo.

A comprovação de que esse movimento, que começou em 2012, tem funcionado, está nos números. Na época, o resultado negativo da Federação de Santa Catarina chegava a R\$ 3 milhões. Em maio de 2015, chegou-se a um resultado de R\$ 5 milhões positivos.

A partir da revisão de posicionamento, a Unimed Paraná também está construindo um novo cenário de reconhecimento do trabalho médico. Segundo o presidente Paulo Roberto Fernandes Faria, em quatro anos, houve um aumento de 53% na remuneração. Para chegar a isso, entre outras medidas, um novo modelo de intercâmbio

Mesa 2: Alberto Gugelmin Neto, José Milton Cunha Mirenda, Faustino Garcia Alferez e Paulo Roberto Fernandes Faria

foi implantado, sob a premissa da intercooperação integral e transparência entre as Singulares, eliminando a mais valia. Entre os pontos-chave, destacam-se o atendimento sem discriminação do beneficiário de intercâmbio, parâmetros de valores de procedimentos para apoiar as Singulares em suas negociações locais, a redução de glosas referente a valores nas operações, a redução da carga tributária (PIS/COFINS/ISS) e o estímulo à valorização dos honorários médicos.

Na década de 60, 70% da receita eram destinados ao honorário médico. “Hoje, 30% é considerada uma média boa”, lamenta José Milton Cunha Mirenda, presidente da Unicoopmed, cooperativa de trabalho médico do Sistema Unimed-RS. Diante dessa discrepância, o grande norteador para qualquer ação de correção ou melhoria deve ser a pergunta “o nosso médico cooperado está satisfeito?”. Fica a provocação.

NOSSA RAZÃO DE EXISTIR É GARANTIR CONDIÇÕES DE TRABALHO DIGNAS PARA A CLASSE MÉDICA

O CAMINHO DA VERTICALIZAÇÃO

A verticalização como estratégia de redução de custos foi o tópico da terceira mesa, coordenada pelo diretor de inovação e negócios corporativos da Unimed/RS, Luis Carlos de Melo.

HOSPITAL FEDERATIVO UNIMED-RS

Ensejado pelo tema “verticalização”, ao final das discussões, o coordenador da mesa, Luis Carlos Melo, convidou o presidente a anunciar “uma grande novidade”, como ele classificou: a construção de um hospital próprio federativo do Sistema Unimed-RS. O empreendimento, em fase de projeto, terá 40 mil metros quadrados, 315 leitos e capacidade para procedimentos de alta complexidade. O foco do serviço será atender o intercâmbio e dar vazão à demanda, principalmente, das Singulares do interior do Estado.

“A rede de hospitais Unimed é a segunda maior rede hospitalar do Brasil depois das Santas Casas”, resalta Melo, ao trazer dados do Sistema Unimed Nacional. Hoje são 113 hospitais gerais e 210 pronto atendimentos. Dos 228 hospitais creditados pela ONA (Organização Nacional de Acreditação), 10% são de Unimed.

A experiência da Unimed Belo Horizonte, com 1,27 milhão de vidas e mais de cinco mil cooperados ativos, foi trazida pelo diretor de provimento de saúde, José Augusto Ferreira. Além de permitir o gerenciamento do custo assistencial, o investimento na rede própria nasce de fatores como a insuficiência da estrutura assistencial, a regulação do mercado e o aumento da concorrência, bem como o aumento da demanda por serviços.

Ferreira chama a atenção para o fato de que “investir em serviços próprios sempre vai proporcionar uma oportuni-

dade de atuação diferente ao nosso cooperado”, visto que ele, além de sócio, passa a ser cliente e adquire a característica de médico atuante em seu negócio. Na Unimed BH, a rede própria já consegue absorver 26% das internações, 20% das consultas eletivas e 47% das consultas de urgência, o que permite o direcionamento do paciente para o melhor atendimento, evitando que ele fique à mercê da rede assistencial terceirizada.

Em 1995, uma gama de hospitais, clínicas e maternidades se descredenciaram como prestadores de serviço da Unimed Vitória.

“Diante desse cenário, ameaça virou oportunidade”, afirmou o diretor de recursos pró-

Mesa 3: José Augusto Ferreira, Mário Tironi Júnior, Luis Carlos de Melo e Rovani José Camargo





Mesa 4:
Mohamad Akl,
José Milton
Cunha Miranda,
Paulo Webster,
Alberto
Gugelmin Neto,
Francisco Kurz
dos Santos

prios, Mário Tironi Júnior. Na Singular da capital capixaba, a verticalização levou a uma economia de R\$ 18 milhões. Só o hospital próprio gerou uma redução de 5,4% dos custos, R\$ 4 milhões, em relação à rede prestadora. Na parte de oncologia, que absorveu 60% da demanda, o percentual chega a 20%.

“Fomos pressionados a investir em recursos próprios”, admite Rovani José Camargo, diretor hospitalar da Unimed Chapecó, revelando contexto semelhante ao das coirmãs. A grande questão, segundo revela, é pensar em “qual é o nosso foco quando pensamos em verticalização: custo ou qualidade?”. Pensar no custo, pura e simplesmente, não justificaria o investimento. “Trabalhamos de forma muito forte a gestão da qualidade”, assegura. Já a possibilidade de monitorar e melhorar processos dá sentido ao recurso próprio, pois o aprimora e, ao mesmo tempo, é viabilizada por ele.

GARANTIA DE REDE

Um dos problemas enfrentados pelo Sistema Unimed é a questão da ampla rede nacional de cobertura oferecida pela maioria dos seus planos de saúde, conforme aponta o diretor operacional e de intercâmbio da Unimed/RS, Paulo Webster, que coordenou a mesa redonda sobre garantia de rede de atendimento nacional. “Nós temos que repensar o modelo de planos que vendemos”, pondera ele. E aponta um caminho: “esse não é um trabalho tão simples, ao mesmo tempo, não é difícil de ser executado, mas começa pelos produtos e não pelos contratos. O referenciamento de serviços pode ser uma grande oportunidade”.

Além da revisão de produtos e estratégia de vendas, Francisco Kurz dos Santos, da Unimed Paraná, elenca uma série de propostas para sanar as lacunas da rede de atendimento, entre elas, o dimensionamento adequado da estrutura e dos custos, a

qualificação profissional e uma central de agendamentos, visando à segurança e a satisfação do beneficiário.

A Central Nacional Unimed, 5ª maior operadora do país, com 1,75 milhão de vidas, teve de buscar alternativas já que negocia contratos com empresas em âmbito nacional. “Fomos obrigados a fazer rede em alguns locais, para poder realizar os atendimentos da CNU”, relata o presidente Mohamad Akl. Isso aconteceu na Bahia,

O INTERCÂMBIO
É NOSSO MAIOR
DIFERENCIAL,
DESDE QUE
TENHAMOS REDE

Maranhão, São Paulo – em 2001 a cooperativa assumiu a carteira da Unimed São Paulo então liquidada pela ANS - e Distrito Federal, locais onde conta com 141 hospitais, 973 clínicas e 139 laboratórios.

Para a Federação liderada por Alberto Gugelmin, o desafio também é garantir rede fora de Santa Catarina para seus 169 mil clientes. Todos os atendimentos da operadora são por intercâmbio, sendo 61% deles nacionais. “O intercâmbio sempre foi nosso maior diferencial, desde que a gente tenha rede”, pondera. Para isso, são necessárias rede direta e verticalização. Numa realidade de clientes cada vez mais informados e exigentes, o esforço deve ser no sentido de entregar aquilo que é vendido.

Contra a carência de determinadas especialidades, como pediatria e endocrinologia, e a falta de cooperados dispostos a fazer plantões, é preciso inovar. A saída encontrada pelo Sistema Unimed-RS foi a criação de uma cooperativa de ato médico puro, que não atua como operadora de saúde. A Unicoopmed supre a necessidade das Singulares gaúchas de plantões, especialidades médicas e auditorias. Com uma cota capital de baixo valor, que permite o ingresso de profissionais mais jovens, em início de carreira, é uma porta de entrada para que esses médicos, com o tempo, associem-se à Unimed. “Precisávamos de uma cooperativa de fácil acesso, com custo baixo para captar o médico mais jovem”, explica o presidente José Milton Cunha Mirenda, que acredita que a empreitada está superando as expectativas. Criada em 2006,

foi em 2011 que, após revisão do seu objetivo, a Unicoopmed passou a se consolidar. Hoje com quase 600 cooperados, atende 20 das 26 Singulares do RS, com o diferencial de que o honorário médico é definido individualmente, respeitando a realidade de cada Unimed. De uma receita de R\$ 2,6 milhões em 2012, saltou para R\$ 12 milhões em 2015, apenas no primeiro semestre. Os números não mentem. Essa é uma fórmula que tem dado certo.

ACOMPANHAMENTO DAS SINGULARES

As Unimed geram dados que são passados às Federações, que, por sua vez, são passados para a Confederação. Simples? Olhemos mais de perto.

Cada Unimed é um microuniverso, onde é gerada uma quantidade imensa de informações, que é passada para a sua Federação. O material enviado por todas as Singulares precisa ser compilado e transferido à Confederação ou à ANS. Nesse macrouniverso – de 351 Unimed – existe uma constelação de dados que transitam diariamente, num fluxo permanente.

Para tornar esse cenário ainda mais complexo, há prazos, parâmetros, exigências.

Fundamentais para o monitoramento da saúde de cada operadora, todos os indicadores provenientes desse universo de dados permitem identificar falhas de processo, riscos iminentes, pontos de melhoria. Assim é possível atacar o cerne de questões a serem resolvidas. Essa ideia resume o que foi apresentado e debatido, pelas três Federações do Mercosul, na mesa que versou sobre modelos de acompanhamento das Singulares.

“Só podemos gerenciar aquilo que podemos medir”, diz Alberto Gugelmin Neto. Para ele, é papel institucional da Federação garantir que esse acompanhamento se dê da melhor forma. Na Unimed Santa Catarina, o trabalho é feito em quatro grandes frentes: auditoria preventiva multidisciplinar, auditoria da margem econômica, Cliente + Intercâmbio e painel de glosas. Entre as ações que garantem o sucesso do monitoramento, estão a visita periódica às Singulares e a premiação por desempenho.

Mais ao Sul, a Federação Unimed/RS lança mão de instrumentos de monitoramento

Mesa 5:
Rodolfo
Maritano,
Adriano Leite
Soares, Alberto
Gugelmin
Neto e Jorge
Antonio
Martines





que utilizam indicadores da ANS, da Unimed do Brasil e dela própria. Num caminho de mão dupla, assim como fornecem seus dados, as cooperativas recebem retorno. “Compilamos e compartilhamos os índices gerados pela ANS com nossas Unimed's em reuniões de Conselhos e de Área”, esclarece Jorge Martines, diretor de gestão organizacional e de integração da Federação gaúcha. Além disso, encontros individuais, por videoconferência, são feitos periodicamente com todas as Singulares.

Subindo novamente no mapa, há o SIAS – Sistema de Indicadores para Análise e Acompanhamento das Singulares do Paraná, dividido em três grandes grupos: econômicos/financeiros e regulamentares, de qualificação de risco e operacionais preventivos. O objetivo coaduna com o das coirmãs, de contribuir para o desenvolvimento de suas Filiadas. “O monitoramento serve para antecipar problemas e suporte às decisões”, salienta

Rodolfo Maritano, gerente da Unimed Paraná.

Esses exemplos mostram que, cada uma a sua maneira, as Federações têm encontrado formas de avaliar processos com vistas a minimizar os riscos da carteira de planos de saúde das cooperativas. “Apesar da crise, é muito fácil acompanhar os indicadores das Unimed's do Mercosul, por sua estrutura e pelo acompanhamento que é feito em cada Federação”, destaca Adriano Soares, superintendente executivo da Confederação Nacional, que coordenou a quinta mesa do evento.

EQUILIBRIO DE PAPÉIS

Sabe-se que um mercado não regulado pode se tornar uma “terra sem lei”. No entanto, o excessivo regramento pode transformar a luz da regulação em sombra sobre as operadoras de planos de saúde. Os consumidores querem planos que lhes atendam, as operadoras, que possam atuar para suprir essa

Mesa 6: Renata Cachapuz, Hendley Reschke e Gerson Reis

demanda, e a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), que isso ocorra da melhor forma, dentro de padrões estabelecidos. Com objetivos que, de modo algum se opõem, não há razão para que essa relação não seja harmônica. No entanto, se não há equilíbrio no cumprimento dos papéis de cada uma das instâncias, saem perdendo os planos e, por consequência, todos os que deles dependem, incluindo os clientes, que, a priori, deveriam ser protegidos de quaisquer prejuízos.

A INICIATIVA PRIVADA PODERÁ PARTICIPAR DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE DE FORMA COMPLEMENTAR

A mesa redonda coordenada pelo presidente da Unimed Encosta da Serra, Hendley Reschke, trouxe Ranata Cachapuz, chefe do núcleo gaúcho da ANS, para falar sobre a construção da agenda regulatória da instituição para o triênio 2015-2017. Uma ferramenta de planejamento em que se apresenta um cronograma de atividades prioritárias, a agenda visa a garantir maior transparência e previsibilidade na atuação da Agência e, com isso, promover o desenvolvimento setorial.

“As operadoras precisam de um programa de gestão para que não entrem em regime especial”, justifica Cachapuz, ao explicar que a proposta está estruturada em três eixos: garantia de acesso e qualidade assistencial, sustentabilidade do setor e integração com o SUS. O foco das ações, além de estar na integração institucional/transversalidade, será o de proporcionar maior facilidade de monitoramento e acompanhamento pela sociedade, por meio do resgate das consultas públicas.

“Tem alguns pontos na agenda regulatória que não fecham pra nós”, contrapõe Gerson Reis, diretor administrativo financeiro da Unimed/RS, para quem não há integração entre Ministério da Saúde, ANS e Vigilância Sanitária. “Essas três entidades não se conversam”, afirma. Ao retratar a estrutura do sistema de saúde brasileiro, Reis faz questão de recorrer à Constituição para lembrar que “a iniciativa privada poderá participar do Sistema Único de Saúde de forma complementar”. Ele entende que a agenda regulatória precisa levar isso em conta, entre outros aspectos, pois se as operadoras continuarem a ser oneradas, maior é o risco de que os mais de R\$ 50 milhões de brasileiros que contam com a saúde suplementar caiam na vala comum do SUS.

INTEGRAÇÃO DE FORÇAS

O setor de saúde representa 9% do PIB nacional. Desses, 20% são gastos em órteses, próteses e materiais especiais (OPMEs),

A INTEGRAÇÃO DE FORÇAS DAS FEDERAÇÕES É A CHAVE PARA COMBATER OS VALORES ABUSIVOS E A FALTA DE PADRONIZAÇÃO

ou seja, nada menos que R\$ 8 bilhões. “É uma despesa que todos enxergam, muitos falam, e poucos tentam conter de verdade”, admite Alberto Gugelmin Neto. Como atual presidente da Unimed Mercosul, ele reforça que a confederação regional existe por duas grandes razões: a câmara de compensação e a regulação do alto custo. Em 2004, foi criado o Grupo de Negociações Mercosul, que, em 2007, passou a se chamar Comitê Técnico de Materiais (CTM), cujos pontos fortes são a padronização das negociações de OPMEs, a profissionalização da equipe de negociadores e a certificação dos fornecedores.

Com exemplos contundentes e convincentes, Gugelmin mostrou que integração de for-

Mesa 7: Paulo Webster, Jorge Guilherme Robinson e Alberto Gugelmin Neto



ças das Federações é a chave para combater os valores abusivos e a falta de padronização dos preços cobrados das operadoras. Ao longo de 11 anos de atuação, o CTM teve mais de mil reuniões realizadas, 80 empresas negociadas e sete mil produtos padronizados. O resultado desse modelo, que veio a ser adotado pela Unimed do Brasil, gera mais de R\$ 40 milhões de economia.

Com a mesma lógica, em 2012, foi criado o Comitê Técnico de Medicamentos de Alto Custo (CTMA), visando à formatação de uma tabela de preços únicos para as Unimed do Polo Mercosul. Desde o seu início, até maio deste ano, a economia foi de mais de R\$ 19 milhões.

“A indicação de OPMEs e alta tecnologia, está ocorrendo devido ao aumento vertiginoso do conflito de interesses”, afirma Paulo Webster, diretor operacional e de intercâmbio da Unimed/RS. Na contramão da saúde do paciente e da sobrevivência das operadoras, a judicialização passou a fazer parte da pressão exercida para objetivos escusos, agravando, ainda mais, a questão do alto custo. A criação de uma Câmara Técnica de Medicina Baseada em Evidências e de um grupo de médicos auditores especialistas, o cadastro de médicos especialistas para terceira opinião e a aproximação a entidades estratégicas como Fórum Latino Americano de Defesa do Consumidor e ao Judiciário, estão entre as medidas apontadas e que já vem sendo tomadas para atenuar o quadro.

Para Jorge Guilherme Robinson, presidente da Unimed Central de Serviços-RS, num cenário em que o custo de materiais aumentou 1000%, é a soma de negociação e auditoria que proporciona um resultado eficaz, pois a redução de superindicações chega a 90%. “Vimos que não adiantava negociar só o preço”. Somente com a regulação de OPMEs, a Central-

O QUE É UM SENADOR, UM DEPUTADO OU UM JUIZ SENÃO SERVIDOR DA SOCIEDADE?

-RS conseguiu, em 2014, quase R\$ 4 milhões de economia, sendo que a mediação nas indicações de ortopedia e cardiologia lideram a redução de custos.

JUDICIALIZAÇÃO DA SAÚDE

Ao que tudo indica, foi necessária a cobertura da grande mídia, no início deste ano, para trazer à luz a flagrante questão da chamada “máfia das próteses” e a consequente judicialização da saúde, algo combatido pelo Sistema Unimed há mais de uma década. “Até parece que o que não sai nos grandes canais não existe”, aponta Alcides Mandelli Stumpf, diretor do Instituto Unimed/RS. “Queria lembrar que nossa luta é pré-Fantástico, e a nossa vergonha, como médicos, vem de mais de 10 anos, por existirem colegas que praticam esse tipo de delito”, indigna-se.

Uma profunda chaga. Assim Nilson Luiz May considera a questão das OPMEs e todos os problemas que daí decorrem. “À medida que a pessoa, desonestamente, insere determinados valores no seu orçamento mensal, ela conta com aquilo e, psicologicamente, acredita que aquilo lhe é de direito”, lamenta.

A senadora Ana Amélia Lemos, cuja relação com o Sistema Unimed-RS vem de longa data, desde as primeiras edições do Fórum Político Unimed/RS, quando ainda atuava como jornalista, abraçou a causa. “O que é

um senador, um deputado ou um juiz senão um servidor da sociedade?”, questiona. E ela reforça: “Só depois que o Fantástico (programa jornalístico da TV aberta) expôs a gravidade da situação, é que dois ministros descobrem que existe um problema grave de corrupção, fraude e distorção”.

Diversas ações têm-se somado para estimular a transparência da questão. Uma CPI na Câmara já foi encerrada. Outra, no Senado, está em vias de encerramento. E tramita no Congresso Projeto de Lei de autoria da senadora, que defende regras rígidas na comercialização de órteses e próteses. “Não adianta a gente tripudiar sobre os erros, nós temos que corrigi-los, purificar o sistema e mostrar o papel relevante do legislativo”, defende.

Antecedendo as falas de dois representantes do Poder Judiciário, Ana Amélia mostrou-se ciente das dificuldades enfrentadas por um juiz na hora de emitir um parecer de uma ação na área da saúde. “Para uma decisão judicial no âmbito da saúde ter eficácia, o magistrado precisa conhecer muito mais do que a letra da lei”, concorda o desembargador Martin Schulze, do Tribunal de Justiça do RS, único que dispõe de uma câmara técnica em saúde.

Schulze apresentou o trabalho do Fórum Nacional do Judiciário para a Saúde do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), dividido em comitês estaduais, cujas metas são identificar as

causas da judicialização, reduzir e qualificar a demanda e criar ferramentas de apoio aos magistrados, como câmaras técnicas e de conciliação e mediação. “É melhor um mau acordo do que um bom processo”, ironiza, ao compartilhar um diagnóstico segundo o qual, das 240 mil ações do Brasil (ano de referência 2010), metade são do RS.

Dos avanços já logrados, destacam-se a criação de uma vara especializada em saúde e de uma câmara técnica, para apoio imediato do departamento médico judiciário do TJRS. Além disso, um trabalho contínuo de qualificação dos servidores tem sido feito, por meio de aperfeiçoamentos e capacitações de magistrados e assessores.

Ney Wiedemann Neto, também desembargador do Tribunal de Justiça do RS, reforça a ideia de que um magistrado não pode

e não deve atuar sozinho: “o juiz não tem as melhores condições de tomar uma decisão no processo no qual há informações de saúde, pois ele parte do pressuposto da boa fé, mas nem sempre os argumentos são sinceros, corretos ou adequados”. Não bastassem os processos por cobertura de materiais e procedimentos, muitas vezes, a operadora é ainda condenada por danos morais. Sendo essa dupla condenação injusta, “há uma sobrecarga sobre o sistema de saúde, que fica por demais onerado”.

Wiedemann insiste, ainda, que é preciso pesar o papel do médico na judicialização e que as prescrições, antes tidas como verdades absolutas, devem ser questionadas, a fim de evitar o uso disfuncional da Justiça. Com o devido amparo técnico, há diversos fatores que devem ser pesados. Qual é a eficácia do que está sendo reivindicado?

Qual é a efetividade e a eficiência? Em outras palavras, o complexo problema da má indicação das OPMEs pode ser confrontado com uma trinca de perguntas. “Funciona? Quão bem? E a que custo?”.

Para desmascarar as falsas urgências e clarear o terreno obscuro das indicações com conflito de interesses, que resultam em pilhas de processos, é necessária uma sinergia de esforços. Mais que isso, que seja de modo permanente. “Todos nós ganhamos combatendo a judicialização”, atesta a senadora Ana Amélia Lemos, que comemora a diminuição dos processos no RS, após as denúncias na televisão. E Ney Wiedemann complementa: “se não fizermos nada, daqui dois ou três anos, quando a poeira baixar, esses casos voltarão a acontecer”. Pode ser um remédio amargo, um caminho pedregoso, mas definitivo para cura. ■

Mesa 8: Ney Wiedemann Neto, Nilson Luiz May, Alcides Mandelli Stumpf, Ana Amélia Lemos e Martin Schulze

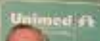


ENCONTRO DAS UNIMEDS DO POLO MERCOSUL

SUERGS 2015

Simpósio das Unimed's e Região

Realização



Luiz Carlos Palmquist (Fundação Unimed), Mauri Raphaelli (Seguros Unimed), Eudes de Freitas Aquino (Unimed do Brasil), Nilson Luiz May (Unimed/RS), João Gabbardo (Secretário Estadual da Saúde do RS), Alberto Gugelmin Neto (Unimed's SC e Mercosul), Paulo Roberto Faria (Unimed PR), Mohamad Akl (Central Nacional Unimed) e Hendley Reschke (Unimed Encosta da Serra)

Fotos: Mathias Cramer



Maurício Goldbaum, presidente da Uniair, apresentou a empresa e seu novo posicionamento de comunicação



Alcides Mandelli Stumpf, diretor do Instituto Unimed, ao lado da senadora Ana Amélia Lemos



Carlos Suñol e Sérgio Bechelli falaram do "Programa Unimed Benefícios em Medicamentos Genéricos", novo produto da Unimed Participações



Mohamad AKI apresentou agenda positiva de relacionamento com a imprensa da Central Nacional Unimed

Tecnologia e atividades interativas foram destaque na feira de negócios



Jantar de integração contou com a participação da intérprete Ana Lonardi

A 8ª edição da Revista Pensar Unimed foi lançada durante o evento

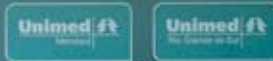


Equipe de trabalho, convocada pelo presidente May, reuniu-se para marcar o encerramento do evento



Música do coquetel de abertura foi da banda Marmota Jazz

Realização



OPINIÕES EXTRAÍDAS DAS PESQUISAS DE SATISFAÇÃO

"Os Encontros estão mais maduros, com avaliações mais práticas e as propostas mais viáveis."

"Os temas abordados compuseram um encontro dos mais completos. Ótima agenda."

"Continuar assim e resgatar os propósitos e a importância do evento, que vinha encolhendo a cada edição. Parabéns!"

"Parabéns pela organização e planejamento e palestrantes/debatedores."

"Assuntos e organização excelentes."

"Manter estes temas focados. Alinhar com alguns palestrantes para reduzir as informações operacionais detalhadas."

"Parabéns, excelente evento."

"Acrescentar análise e discussões para qualificação e remuneração por resultados."



80

ENCONTRO DAS UNIMEDS DO POLO MERCOSUL

SUERGS 2015

Simpósio das Unimeds Gaúchas

COMENTÁRIOS DE PARCEIROS E APOIADORES

"Aproveito para dizer que o evento superou nossas expectativas. Bem organizado e, de forma geral, nos deu uma visibilidade importante. Parabéns!" (Medilar)

"Queria agradecer. O evento foi lindo e adoramos participar. Estou muito feliz." (Shana Müller)

"Gostaria de agradecer mais uma vez todo o cuidado e atenção que tiveram conosco, em meu nome e de toda equipe. Até a próxima." (Ana Lonardi)

"Queremos parabenizá-lo pela realização do Polo Mercosul e Suergs. Esta edição elevou o evento de forma singular. Bem como, agradecer pela oportunidade de participarmos e estarmos próximos da Família Unimed. (Wotan Brindes)

TRANSPARÊNCIA FAZ BEM À SAÚDE

Foto: Mathias Cramer

A excessiva judicialização, na saúde, revelou distorções em seus aspectos éticos, sociais e econômicos, envolvendo não só o Sistema Único de Saúde, mas também o Sistema de Saúde Suplementar, Estados e municípios. O escândalo das órteses e próteses trouxe luz à gestão no sistema. Nossa preocupação é proporcional à complexidade, abrangência e magnitude dos problemas a serem enfrentados, como é o caso da controversa judicialização na saúde. Em boa hora, esse tema foi incluído na agenda do Encontro de UnimedS do Polo Mercosul e do Simpósio das UnimedS do Rio Grande do Sul, realizados em Gramado, em agosto. Tive a honra de compartilhar com os participantes (magistrados, gestores e médicos) o papel de uma legisladora, preocupada em buscar soluções para a qualificação do serviço público de saúde, reduzindo as demandas na Justiça. Louvável a iniciativa do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em criar comitês formados por membros da Justiça Federal e Estadual, Procuradoria-Geral da República e Ministério Público Estadual, além de autoridades médicas, para exame acurado desse processo, que também avoluma demandas no sistema jurídico nacional.

O país vive uma crise política e econômica sem precedentes e é neste cenário que se torna urgente e inadiável a adoção de uma moderna e qualificada gestão, baseada no planejamento, na responsabilidade e na transparência na aplicação dos recursos públicos. É preciso, também, clareza na legislação que produzimos e eficácia no seu cumprimento em todos os níveis, especialmente nas questões relacionadas à saúde. Dessa forma, o paciente/cidadão, que é a parte mais frágil do sistema, não pre-

cisará recorrer à Justiça para ter acesso à saúde, processo sempre oneroso e desgastante. O litígio acaba tornando menos justo e racional o sistema público de saúde, criando dois níveis de acesso, perversamente desiguais – um para aqueles que podem recorrer e ter direito a qualquer tipo de tratamento, independente dos custos, e outro para o restante da população, que fica à margem desses benefícios. Recorrer à Justiça, sublinhe-se, é direito inalienável do cidadão. Não questionamos esse princípio. Tão somente as distorções!

As fraudes das órteses, próteses e materiais especiais (OPMEs) são crimes. Apesar do grande volume de demandas judiciais e de recursos envolvidos, os órgãos gestores, SUS e Ministério da Saúde, não conseguiram perceber os desvios que vinham sendo cometidos ao longo do tempo por alguns médicos, advogados e fornecedores. Só depois que a mídia denunciou a chamada “Máfia das Próteses” é que os ministros da Saúde e da Justiça vieram a público, anunciando medidas para evitar fraudes, que já haviam drenado enorme volume de recursos públicos de um setor carente de investimentos. Pedidos, por via judicial, de materiais disponíveis apenas de um fornecedor, com orçamentos superfaturados e indicação de pacientes que não tinham necessidade de cirurgia são exemplos do descontrole que havia no setor. Houve falta de fiscalização, controle e, sobretudo, transparência, lesando os pacientes, os planos de saúde, os profissionais honestos, as instituições hospitalares, a indústria que produz equipamentos e prejudicando muito o SUS, sempre o mais demandado. A credibilidade do sistema foi, também, afetada. Transparência também faz bem à saúde!



Ana Amélia Lemos
Senadora

O mais importante, agora, além de identificar e punir os culpados, é corrigir as distorções e melhorar essas relações. É necessária uma força-tarefa que promova melhorias no sistema, usando o aparato tecnológico existente para criar um banco de informações que permita o cruzamento de dados, a identificação de crimes e criminosos e gere um monitoramento digital permanente, repassando informações à Justiça, aos planos de saúde e ao governo sobre os custos.

Nesse sentido, destaco o papel relevante do Congresso, ao instaurar comissões parlamentares de inquérito na Câmara e no Senado para investigar as irregularidades, bem como o Projeto de Lei do Senado (17/2015), de minha autoria, que propõe a regulação do mercado de OPMEs no Brasil, de forma a definir classificações e preços dos produtos e punir, com multas, os profissionais de saúde que receberem, indevidamente, pela indicação dos materiais. O projeto está pronto para ser votado na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado e pretende impedir que condutas antiéticas contribuam para o desequilíbrio de um sistema que não atende apenas aos aspectos econômicos, mas existe para que a saúde das pessoas seja tratada como prioridade. ■

O ESCÂNDALO DAS ÓRTESES E PRÓTESES TROUXE LUZ À GESTÃO NO SISTEMA

NÚMEROS DO EVENTO

A organização do 8º Encontro das Unimed do Polo Mercosul e Simpósio das Unimed Gaúchas – Suergs 2015, realizado de 31 de julho a 1º de agosto em Gramado/RS, envolveu mais de 30 empresas prestadoras de serviços e um staff de mais de 120 pessoas. Mais algumas centenas de quilômetros percorridos e de caixas transportadas.

Fotos: Mathias Cramer

350 participantes
48 cooperativas representadas
8 mesas redondas
23 palestrantes
12 coordenadores/debatedores

AVALIAÇÕES

ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO EVENTO

9,25 • DIVULGAÇÃO / INFORMAÇÃO RECEBIDA

9,46 • INSCRIÇÃO

9,68 • RECEPÇÃO

9,38 • PONTUALIDADE

9,77 • ADEQUAÇÃO DO LOCAL

NOTA MÉDIA • 9,51

EXPECTATIVA COM RELAÇÃO AO EVENTO

46% • FOI SUPERADA

49% • FOI ATENDIDA

2% • NÃO FOI ATENDIDA

3% • NÃO RESPONDEU



PERGUNTAS FÁCEIS, RESPOSTAS DIFÍCEIS

Foto: Mathias Cramer

Quando estruturamos a programação do Encontro do Polo Mercosul e Suergs 2015, estabelecemos algumas premissas básicas: construirmos uma pauta focada em assuntos que são nossas preocupações todos os dias, para ser debatida à luz das experiências das nossas Singulares, com tempo suficiente para que todos os presentes pudessem contribuir e gerar apontamentos para serem transformados em ações efetivas, aplicáveis a todas as Unimed, independentemente de seu porte.

Nesse caminho, construímos sua lógica, discutindo a atenção primária à saúde, desde as justificativas para a importância de analisarmos sua aplicabilidade em cada uma de nossas cooperativas, com aspectos sobre a necessidade de fazer uma gestão mais adequada de custos e qualidade de atendimento, frente à realidade da explosão dos custos assistenciais, decorrente do envelhecimento da população, novas tecnologias de investigação e tratamento, e mesmo a forma de remuneração de cooperados e prestadores.

Como discutir APS sem discutir remuneração médica? O que estamos fazendo para manter a operadora de planos de saúde com os mesmos objetivos da cooperativa que criamos, de remunerar nossos sócios de maneira justa, estreitando laços e gerando resultados? Por quanto tempo continuaremos ainda remunerando meramente a produção desvinculada da entrega de qualidade que devemos aos clientes? Perguntas fáceis, respostas difíceis.

Para alcançar as sobras de que precisamos, temos que gerir, da melhor forma, nossos custos assistenciais, e, nesse sentido, a verticalização, com a organização de

serviços próprios, tem sido uma alternativa vitoriosa em vários estados do Brasil e, principalmente, aqui no Polo Mercosul. Dessa maneira conseguimos reduzir possíveis falhas na rede de assistência a nossos beneficiários, embora ainda tenhamos grandes problemas em nível nacional, mesmo com o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Central Nacional Unimed.

Todas essas questões trazem, cada vez mais, desafios e levam a resultados muitas vezes preocupantes. O papel das Federações de monitorar, junto com a Unimed do Brasil, é essencial. É não só identificar, mas, primordialmente, assessorar todas as cooperativas para a reversão de eventuais dificuldades que possam estar enfrentando. Dentro destas, a questão de regulamentação toma corpo, e conhecer o planejamento da ANS e de sua agenda regulatória para os próximos três anos é básico para o estabelecimento de estratégias que venham a qualificar o atendimento e gerar resultados superiores à empresa e a seus sócios.

No mesmo sentido, a regulação de materiais de alto custo torna-se crucial. A adequada utilização da tecnologia, colocando as melhores

TODAS ESSAS
QUESTÕES TRAZEM,
CADA VEZ MAIS,
DESAFIOS E LEVAM A
RESULTADOS MUITAS
VEZES PREOCUPANTES



Jorge Martines

*Diretor de gestão organizacional
e de integração da Unimed/RS e
organizador do 8º Polo Mercosul e
Suergs 2015*

práticas médicas à disposição dos clientes, vem ao encontro do interesse de todas as partes envolvidas. A judicialização da saúde, com suas discussões sobre a validade jurídica dos contratos, e a possibilidade de criação de Câmaras Técnicas, para que o Judiciário possa tomar as decisões baseadas no ponto de vista médico-técnico, são sinais claros de que se está buscando, de forma crescente, o interesse daquele que contrata um plano, sem, no entanto, deixar de avaliar seus impactos em todos os agentes envolvidos, sejam os médicos, as operadoras e os prestadores.

Assim, conseguimos abordar temas relevantes e, pela participação de todos nas discussões propostas, temos a certeza que as Unimed do Polo Mercosul estão no caminho correto, mas que muito ainda deve ser aprendido, discutido e colocado em prática. Há muito pela frente.

Nos encontramos novamente daqui a dois anos. Até lá. ■

SAÚDE DEVE SER PAUTA CONSTANTE NA SOCIEDADE

Foto: Mathias Cramer

Em uma entrevista à revista Exame, no primeiro semestre deste ano, a especialista americana em marketing de experiência, Sarah Aitken, relatou como as empresas têm investido em eventos, com o objetivo de se aproximarem cada vez mais de seus consumidores.

Em todo o Sistema Unimed, nossas discussões sobre saúde têm alavancado muitas ações que vêm nos ajudando em nossa performance. Recentemente, participei do 8º Encontro das Unimeds do Polo Mercosul, que aconteceu junto com o Suergs – Simpósio das Unimeds do Estado do Rio Grande do Sul, entre os dias 30 de julho e 1º de agosto. É preciso destacar a qualidade do evento e a escolha dos temas, além das discussões ricas em torno de questões como verticalização, judicialização, modelos de acompanhamento das Singulares, atenção à saúde e maximização de resultados para melhor remunerar o cooperado, tema no qual a Unimed Paraná pôde contribuir, entre outros.

Esse evento, em especial, foi um momento de expressiva integração das Unimeds do Polo Mercosul e das lideranças dos três Estados do Sul. O que, por si só, já justifica sua importância. Ao pensarmos no Sistema, seja nos âmbitos local, estadual, regional ou nacional, os avanços efetivos dependem de alinhamento de grandes temas, além do aprimoramento constante de ações operacionais.



Paulo Roberto Fernandes Faria
Presidente da Unimed Paraná e 2º vice-presidente da Unimed Mercosul

Ao refletir sobre a importância de determinadas discussões que promovemos dentro do Sistema, talvez fosse oportuno pensar de que forma podemos extrapolar nossos muros e ampliar várias dessas discussões, tão necessárias, aos nossos demais públicos, como cooperados, beneficiários e sociedade. Acredito que esse se constitui como outro desafio para o Sistema. Afinal, nossas grandes questões são questões que envolvem a todos e são do interesse de todos. Como, por exemplo, políticas de saúde, formação e especialização dos nossos médicos e excesso tributário. ■

ESSE EVENTO, EM ESPECIAL, FOI UM MOMENTO DE EXPRESSIVA INTEGRAÇÃO DAS UNIMEDS DO POLO MERCOSUL E DAS LIDERANÇAS DOS TRÊS ESTADOS DO SUL

8º ENCONTRO DO POLO MERCOSUL INTEGRA FORÇAS PARA VENCER DESAFIOS DA UNIMED

Foto: Mathias Cramer

Os desafios que cercam a Unimed e a saúde suplementar no Brasil foram os temas centrais do 8º Encontro das Unimeds do Polo Mercosul, que aconteceu em Gramado, junto ao Suergs 2015 – Simpósio das Unimeds Gaúchas. O principal resultado do evento foi a efetiva integração das lideranças da cooperativa nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, em busca das respostas ainda necessárias para a sustentabilidade do Sistema frente às grandes transformações vividas pelo setor.

Durante a programação, especialmente preparada para o debate e a troca de ideias, a Unimed Mercosul comemorou seus 21 anos de atividade com o lançamento de um folder institucional sobre suas ações em prol da Unimed. O material foi distribuído num estande especial, na feira de negócios do evento, que reuniu os participantes para demonstrar os destacados resultados das suas Câmaras e Comitês.

Como presidente da Unimed Mercosul e da Federação das Unimeds de Santa Catarina, tive a oportunidade de participar das principais mesas-redondas da programação, levando para

a plenária o modelo de diversas realizações no cumprimento das metas de melhorias na remuneração médica, garantia de rede de atendimento nacional e modelo de acompanhamento das Singulares. Destaco o debate sobre a regulação de alto custo, quando pude elencar as vitórias já alcançadas pela Unimed Mercosul, especialmente nas atuações do CTM – Comitê Técnico de Materiais e do CTMA – Comitê Técnico de Medicamentos de Alto Custo.

O Encontro do Polo Mercosul constitui-se do principal fórum de debates das Federações e Singulares das Unimeds do Sul do Brasil. Aqui, demonstramos que a força da cooperativa está na união, na nossa capacidade de pensar juntos, em busca de alternativas para as respostas ainda necessárias e para a consolidação do que já foi construído. É uma verdadeira corrente, o exercício



Alberto Gugelmin Neto
Presidente das Unimeds Santa
Catarina e Mercosul

de fato do cooperativismo, que leva suas conquistas para todo o Sistema.

O sucesso do evento se traduziu na grande e produtiva troca de experiências que os dirigentes e participantes levaram nas suas bagagens, retornando para suas cooperativas fortalecidos pelo conagraçamento e pela comunhão de conhecimentos. ■

O ENCONTRO DO POLO MERCOSUL
CONSTITUI-SE DO PRINCIPAL FÓRUM DE
DEBATES DAS FEDERAÇÕES E SINGULARES
DAS UNIMEDS DO SUL DO BRASIL

CONHEÇA AS EMPRESAS REALIZAÇÃO DO 8º POLO

PATROCINADORES:

- CENTRAL NACIONAL UNIMED
- SEGUROS UNIMED
- IBBCA ADMINISTRADORA DE BENEFÍCIOS



APOIO:

- WOTAN BRINDES
- CHOCOLATARIA GRAMADO
- EMPÓRIO ESSENZA



QUE TORNARAM POSSÍVEL A MERCOSUL E SUERGS 2015

EXPOSITORES:

- UNIMED PARTICIPAÇÕES
- UNICRED CENTRAL RS
- MEDILAR GESTÃO EM SAÚDE
- LABORATÓRIO PARDINI

Mathias Cramer



Mathias Cramer



Carolina Dias



Carolina Dias



ORGANIZADORES:

SISTEMA COOPERATIVO
EMPRESARIAL UNIMED-RS:
FEDERAÇÃO/RS | UNIAIR | UNIMED
CENTRAL-RS | UNICOOPMED
INSTITUTO UNIMED/RS E UNIMED
MERCOSUL

Mathias Cramer



SUPERINTENDENTE DO FALA DA SAÚDE NO PAÍS



Por Ursula Schilling

O Café com Política da Unimed, realizado no dia 14 de agosto, na sede da Federação Unimed/RS, em Porto Alegre, não fez parte da programação do 8º Polo Mercosul e Suergs 2015, mas poderia tranquilamente ter feito. Ao palestrar sobre “Cenário e Perspectiva da Saúde no Brasil”, o médico Gonzalo Vecina Neto, superintendente do Hospital Sírio-Libanês e ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), só reforçou questões já pungentes para a saúde privada: atenção integral à saúde, verticalização, regulação do alto custo.

Para Vecina Neto, a situação econômica do país vem piorando. “Como superintendente de um hospital privado, estou esperando o momento em que vou começar a mandar gente embora e fechar leito”, confia ele. Com uma obra recém terminada de 85 mil metros quadrados, de cerca de 1 bilhão de reais, o Hospital Sírio-Libanês tem hoje um potencial para 700

leitos. “Pulamos de 20 para 34 salas cirúrgicas, estamos com 436 leitos e pisando em ovos”, admite. Para garantir o equilíbrio e a sobrevivência do negócio, há um rigoroso planejamento financeiro e de risco, até 2020. Com uma taxa de ocupação entre 85% e 88%, a instituição consegue fazer caixa para investir em tecnologia e gerenciamento de dívidas de financiamentos.

Ao compartilhar sua visão de que “o cenário hoje é desastroso” e de que “a realidade está descendo o morro”, afirmou que o desafio da saúde privada no Brasil, que ainda desfruta de certa estabilidade, é “não dar um passo maior do que a realidade permite dar”, no sentido de “gerenciar a capacidade de atender a demanda sem perder a capacidade de gerenciar os custos fixos” e ainda garantir sobras para investimentos. Segundo ele, o maior impacto da crise financeira é a alta do dólar, que dá sinais de que chegará aos quatro reais até o final do ano, e que refletirá diretamente nos preços da tecnologia, já elevados via de regra.

“A partir da metade de 2016, os reflexos da inflação se farão sentir”, declara o médico, para quem “o grande problema será reestabelecer a confiança dos empresários e da

COMO SUPERINTENDENTE DE UM HOSPITAL PRIVADO, ESTOU ESPERANDO O MOMENTO EM QUE VOU COMEÇAR A MANDAR GENTE EMBORA E FECHAR LEITO

HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS

população, numa economia que ande pra frente”. Ainda assim, ele acredita que a crise não durará mais que um ano, tendo em vista as condições positivas do país no que diz respeito às reservas energéticas e à exportação de carne.

Independentemente do cenário econômico, o setor de saúde, público e privado, precisa se posicionar frente às mudanças que vêm ocorrendo, como aumento da longevidade e das doenças crônicas, a queda na natalidade e a judicialização. O investimento na medicina baseada em evidências, a criação de câmaras de consulta para o Judiciário, a verticalização e o desenvolvimento de projetos de atenção integral à saúde são alguns dos caminhos apontados.

Compuseram a mesa de debates do encontro o presidente da Unimed/RS, Nilson Luiz May, o diretor administrativo do Instituto Unimed, Alcides Mandelli Stumpf, o secretário da Saúde do RS, João Gabbardo do Reis, e o presidente da Associação Médica do RS (AMRIGS), Alfredo Floro Cantalice.

O presidente May lembra que, ao quadro descrito pelo superintendente do Sírio-Libanês, soma-se a questão da chamada medicalização, estimulada pela facilidade de acesso a informações na internet. “Hoje nós notamos a questão do grande professor Google e o que isso traz a nós médicos e administradores, é algo mais complexo que podemos imaginar”. Já Alcides Stumpf retomou a questão da tecnologia, dizendo que a sensação é que os avanços vão numa velocidade maior do que se pode acompanhar. Para ele, é fundamental que façamos um uso racional de todos os recursos à disposição.

“O futuro não está escrito. O futuro somos nós que faremos. Nós temos que tentar

A REALIDADE ESTÁ DESCENDO O MORRO

desenhar o futuro que nós queremos. Precisamos ter a consciência de que isso é possível”, conclui Vecina Neto.

Promovido pelo Instituto Unimed/RS, o Café com Política tem 13 anos de história e, tradicionalmente, conta com a presença de lideranças de todo o RS. Sua proposta é sempre convidar personalidades para discutir temas como política, economia e filosofia, a fim de estimular a troca de ideias. ■

*Vecina Neto:
“O futuro
somos nós
que faremos”*



UM MODELO DE EVENTO

Foto: Mathias Cramer

Preparar, organizar e conduzir um evento como 8º Encontro das Unimed's do Polo Mercosul e Suergs 2015, é desafio dos mais difíceis. Satisfazer um público extremamente diferenciado, composto pelas altas direções das cooperativas dos três Estados do Sul, além de assessores e colaboradores qualificados, constitui tarefa deveras complexa, principalmente, nesses tempos, quando os problemas e dificuldades surgem por todos os lados, agravados pela crise econômica e política que assola o país.

O Dr. Jorge Martines, diretor de gestão organizacional e de integração da Unimed/RS, foi o mentor, arquiteto e construtor deste magnífico evento. Com trabalho e ousadia, soube conduzir as equipes que se esmeraram em cada detalhe. Tudo fluiu de forma harmônica e adequada: hospedagem, logística, feira de negócios, programação técnica e social. A palestra "A Economia do Cedro", com Carlos Alberto Júlio, deu o tom do que viria a acontecer.

Dentre os temas selecionados para debates, teve amplo destaque a remuneração médica. Este item preponderante foi analisado por diversos ângulos de forma direta e indireta. Diferentes painéis envolveram relevantes tópicos como formas de pagamento aos cooperados, aumento de sobras e verticalização no gerenciamento de custos.

Houve uma visível convergência de ideias e manifestações que evidenciaram a grande preocupação dos dirigentes em valorizar o ato médico cooperativo. Abordou-se ainda temas específicos da atualida-



Alcides Mandelli Stumpf
Diretor administrativo do Instituto Unimed/RS

de, de extrema relevância no controle de riscos, como a regulamentação de órteses, próteses, quimioterapia e terapias imunobiológicas.

Já a celebração, igualmente importante no congratamento entre colegas, aconteceu nos encontros festivos cuidadosamente preparados para ocasião. Não faltaram momentos emocionantes como a participação da cantora Shana Müller ao interpretar os hinos Nacional e Rio-Grandense na abertura do evento.

O painel final abordou a judicialização da saúde: relacionamento com o Judiciário e criação de Câmaras Técnicas. As manifestações da senadora Ana Amélia Lemos, do presidente da Unimed/RS, Dr. Nilson Luiz May, e dos desembargadores, Dr. Martin Schulze e Dr. Ney Wiedemann Neto, por mim coordenado, mostrou, de forma objetiva, os avanços e conquistas obtidos nessas áreas tão importantes aos planos de saúde. Destacou-se ainda o intenso trabalho desenvolvido pelo Dr. Paulo Webster, diretor operacional e de intercâmbio da Unimed/RS, um dos principais artífices dessa longa e complexa jornada.

Enfim, podemos dizer que tivemos um grande evento. E como gaúchos, cabe-nos legitimamente evocar as estrofes do refrão do hino da nossa abençoada terra: "Sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra". Assim foi, este ano em Gramado, e assim será nos próximos eventos promovidos pela Unimed/RS. ■

HOUVE UMA VISÍVEL
CONVERGÊNCIA DE IDEIAS
E MANIFESTAÇÕES QUE
EVIDENCIARAM A GRANDE
PREOCUPAÇÃO DOS DIRIGENTES
EM VALORIZAR O ATO MÉDICO
COOPERATIVO

21 Anos Unimed Mercosul

2015 - Ano da Maioridade



Fortalecer o caminho

já consolidado

Av. Rio Branco, 847 – 1º andar
Centro – Florianópolis/SC
CEP: 88.015-203
(48) 3221-4400

www.unimed.coop.br/mercosul

Unimed 
Mercosul

O
RIO GRANDE
SE ORGULHA
DE SER
UNIMED
MERCOSUL



A força da união
é uma forma poderosa
para vencer
os desafios.

SISTEMA COOPERATIVO EMPRESARIAL UNIMED RIO GRANDE DO SUL

